

ID 710: TURISMO EM SINTRA: DO CRESCIMENTO À GESTÃO SUSTENTADA

João VARANDA¹; José Eduardo VENTURA²

¹DGPR/UNL; joaomiguel.varanda@gmail.com

²Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH/NOVA); je.ventura@fcsch.unl.pt

RESUMO: O aumento recente da procura turística em Portugal tem contribuído para o crescimento económico e consolidação da imagem de Portugal enquanto destino turístico de excelência. Um dos exemplos deste boom turístico é a vila de Sintra e seus arredores. A sua paisagem com estatuto de património mundial UNESCO, confere-lhe uma valorização turística indiscutível. Nos últimos anos assistiu-se a um aumento exponencial de visitantes, de operadores turísticos e de alojamentos. Contudo, o crescimento associado ao aumento do número de visitantes acarreta efeitos indesejáveis, como a pressão física sobre o território com degradação do património natural e histórico que são a sua base. O presente artigo faz uma análise aos impactes causados pelo aumento do número de visitantes em alguns dos monumentos de Sintra, assim como na sua flora, fauna e paisagem. No sentido de mitigar a situação presente e precaver o futuro propõem-se medidas de combate aos efeitos indesejados do aumento do número de visitantes. As propostas baseiam-se numa gestão holística e de cooperação entre os diversos atores ao nível local, mas também de uma perspetiva para o futuro próximo com recurso às novas tecnologias, com referência à ideia de “inteligência urbana” proposta por Neto (2017). Neste sentido, a vila de Sintra reúne as condições ideais para maximizar estas potencialidades tecnológicas graças à sua reduzida dimensão, gestão centralizada e consolidação como local de visita obrigatório assinalando-se, contudo, os principais obstáculos à implementação de algumas destas medidas.

PALAVRAS-CHAVE: Crescimento; Impactes; Património; Medidas; Sintra

1. SINTRA: ÁREA DE ESTUDO

Sintra localiza-se na região da Grande Lisboa, a 30 km da capital e 15 km do Atlântico. A vila de Sintra é conhecida, em Portugal e no mundo, por ser, desde 1995, Património Mundial da UNESCO. Milhares de turistas visitam a vila e as áreas circundantes, nomeadamente o Castelo dos Mouros e os vários palácios. Dessa forma, os enormes fluxos que se observam nos meses mais concorridos manifestam-se num raio de poucos quilómetros.



Esta vila histórica encontra-se no extremo NE da Serra a que dá o seu nome: um maciço ígneo em elipse com 10 km E-O e 5 km N-S, que se formou há aproximadamente 80-90 milhões de anos atrás, e, apesar de não apresentar uma grande elevação (o ponto mais alto, a Cruz Alta, tem 528m), o facto de se encontrar no meio de plataformas planas (Cascais a sul e S. João das Lampas a norte), fá-la destacar-se na paisagem e produzir o seu próprio clima regional. (Kullberg & Kullberg, 2000)

O clima na região de Sintra deve-se essencialmente a dois fatores: ao oceano Atlântico e ao facto da serra se apresentar como uma barreira de condensação devido à sua orientação aproximadamente E-O e à direção do vento, predominantemente de N-NO. Como nos mostra Alcoforado (1984) no seu estudo sobre as árvores deformadas pelo vento em torno da Serra de Sintra, os padrões do vento são complexos, havendo vales abrigados e vales onde o vento é afunilado tornando-se mais forte. Mas de forma geral, aceita-se a existência de um movimento das massas de ar para S sobre a Serra. Estas massas de ar húmidas, ao subirem a Serra, encontram frequentemente condições ideais de pressão e temperatura para a condensação levando à formação de nuvens no topo da Serra que se dissipam quando se deslocam mais para S. Esta nebulosidade tem grande influência nas temperaturas e precipitação. (Pena, Gomes & Cabral, 2001; Sirovs, 2006)

A diversidade de habitats naturais e seminaturais que permitem a existência de uma variedade alargada de espécies de plantas está intimamente relacionada com o clima, a geologia e a natureza do solo. As áreas menos sujeitas à intervenção humana – a montanha e alguns setores costeiros – são reconhecidas pela diversidade da sua vegetação, que inclui espécies sob ameaça e outras que só existem no Parque Natural Sintra-Cascais (PNSC).

Para abordar o património de Sintra e a influência do turismo, torna-se inescapável mencionar o papel fulcral da empresa Parques de Sintra – Monte da Lua (PSML), que gere todos os palácios abertos ao público, com exceção da Quinta da Regaleira, e é proprietária de grande parte dos terrenos limítrofes aos monumentos. O número de visitantes ao património da PSML aumentou mais de 400% entre 2005 e 2017, tendo-se neste último ano registado um aumento de 22% em relação ao ano anterior. Dos vários monumentos destaca-se o Palácio e Parque da Pena, recebendo tantos visitantes como a soma dos restantes: 1,7 milhões/ano. (PSML, 2018) O reverso deste enorme sucesso e afluência traduz-se nas enormes filas para entrar e na enorme pressão posta sobre o património. De facto, aqui observam-se algumas das ameaças que de seguida se enumeram.



2. AMEAÇAS AO PATRIMÓNIO

As ameaças do turismo ao património em casos específicos ou globalmente podem ser bastante diversificadas, e raramente se manifestam isoladamente. Vários autores procuraram categorizar os potenciais impactes do turismo. Por exemplo, Buckley & Pannell (1990, cit. por Newsome & Dowling, 2006), dividiram as origens destes impactes em três grupos: viagens e transporte; acomodação; atividades e recreação. Distúrbios negativos provocados pela visita dos turistas incluem: grafitis, nomes ou iniciais esculpidas no património; erosão de rochas friáveis, apagando características únicas de grande valor; criação de trilhos não autorizados ou improvisados pelos turistas, com destruição de vegetação e/ou abandono da área por alguns animais. Casos pontuais como estes já se verificam na região de Sintra, mas a lista a seguir apresentada foca ameaças provocadas por questões estruturais e não conjunturais como as anteriores:

2.1. ATIVIDADES RECREATIVAS E TURÍSTICAS

As atividades recreativas e turísticas estão em grande expansão. Se considerarmos, em particular, aquelas que se desenvolvem em ambientes naturais, como ocorre em Sintra, rapidamente chegamos à conclusão de que são as que mais contribuem para a grande pressão exercida sob a geo e biodiversidade. O uso de veículos todo-o-terreno, motorizados ou BTT, particulares ou de empresas, muitas vezes pouco ou mal fiscalizado, e que não respeita os trilhos autorizados pela Carta de Desporto do Parque Natural em locais sensíveis e solos frágeis pode quebrar o seu equilíbrio delicado e levar à sua destruição. (Brilha, 2005)

2.2. DESENVOLVIMENTO DE OBRAS E ESTRUTURAS

Quase todas as obras de grande dimensão produzem impactes negativos sobre a geodiversidade. O projeto e execução destas obras deve prever formas de minimizar esses impactes. Estas construções apresentam grande variedade, ocorrem por toda a área da Serra de Sintra: abertura de vias de comunicação, construção de grandes edifícios, parques de estacionamento, etc. (Brilha, 2005)

2.3. FLORESTAÇÃO E DESFLORESTAÇÃO

Numa floresta como a de Sintra, “atacada” por espécies invasoras este é um especto sensível. O crescimento desenfreado da vegetação contribui para a ocultação das características geológicas



da região, podendo levar à sua desvalorização científica e pedagógica. Por outro lado, a desflorestação pode também ter um efeito negativo sobre a geodiversidade ao contribuir para a acelerada erosão dos solos numa situação similar à que se observa após a ocorrência de fogos florestais. A somar a isto, a desflorestação é também uma das maiores ameaças que se pode observar para a biodiversidade, pois, como nos diz Goudie (1981), não só a reduz através da extinção de espécies e incapacidade destas de gerar diversidade genética, como modifica o próprio ambiente local e regional. Sendo Sintra uma área maioritariamente verde, a desflorestação pode ser um problema que passa despercebido. Contudo, o desmatamento para criar áreas de acolhimento turístico ou, com outros fins de carácter economicista leva à substituição da vegetação existente por espécies invasoras, com efeito igualmente nocivo.

2.4. CONFLITOS ENTRE ATIVIDADES TURÍSTICAS

O pouco reconhecimento dos potenciais conflitos entre projetos e atividades turísticas e a conservação do Património pode levar a um deficiente planeamento e causar efeitos adversos no local e na comunidade presente (Brooks, 2001). Tal verifica-se em Sintra, por exemplo, quando a concorrência entre os vários agentes turísticos é tão intensa que leva alguns destes a adotar práticas pouco recomendáveis para se tornarem mais competitivos.

2.5. PERDA DE AUTENTICIDADE

Programas de conservação, interpretação e desenvolvimento turístico que são baseados numa compreensão desadequada dos aspetos, por vezes complexos, que dão significado ao local podem levar a uma perda de “autenticidade” e apreciação do local. Por outro lado, o desenvolvimento de projetos, ou empreendimentos turísticos, podem impor níveis inaceitáveis de alterações às características físicas, integridade e ecologia originais de um local. Facilidade de acesso e transporte são muitas vezes exemplos desta prática (Brooks, 2001).

2.6. AUSÊNCIA DE CONSULTA PÚBLICA

No contexto turístico a falta de consulta à população local ao estabelecer objetivos, estratégias, políticas e protocolos para a identificação, conservação, apresentação e interpretação do seu património pode levar a conflitos com a população local. Concentração de afluência A promoção e gerência do património (monumentos ou coleção de monumentos) que não minimizam as flutuações nas chegadas e evitam visitas excessivas num dado momento têm um impacto muito negativo no património e na experiência do visitante. Tal resulta, em parte, da promoção turística



que não encoraja os visitantes a usufruírem de uma oferta mais abrangente de serviços e experiências culturais levando os benefícios do turismo apenas aos locais mais populares, e ao aumento da pressão turística a que ficam sujeitos.

3. PROPOSTAS

O combate às ameaças elencadas pressupõe a implementação de medidas mitigadoras que poderiam ser tomadas em Sintra com vista à preservação do seu património e combate às ameaças mencionadas com recurso a:

- maior fiscalização das autoridades às atividades dos operadores turísticos reduziria o número destes que, por facilitismo, têm práticas pouco recomendáveis ou simplesmente ilegais, como o uso de trilhos proibidos pelo PNSC ou o simples transporte de visitantes, efetivamente fazendo concorrência desleal aos táxis, uma vez que praticam preços muito mais baixos, e simultaneamente prejudicam a imagem de outros operadores que cumprem a lei e requisitos mínimos de serviços e preços.
- maior transparência dos objetivos, no que diz respeito a grandes obras, de estradas, instalações hoteleiras, etc., assim como publicação de estudos de impacto nas condições naturais do local e património.
- medidas rigorosas que olhassem além do lucro das empresas por parte da Câmara, nomeadamente na promoção e parcerias de atividades e eventos. Poder-se ia dizer que tais medidas e fiscalização já existem, mas como habitualmente, as grandes empresas como a PSML têm tratamento diferenciado e mais favorável que as pequenas empresas.
- iniciativas de formação a guias locais para garantir a consistência da informação disponibilizada aos visitantes e maior responsabilidade e realismo das agências e guias de viagens para não criar expectativas irrealizáveis nos visitantes. Como exemplo, a ideia irrealista criada nos visitantes da possibilidade de se visitar Sintra, os seus palácios e a zona costeira em poucas horas ou numa manhã, não explicando a quantidade e variedade de locais a visitar, a deslocação entre eles; etc.
- combate à sazonalidade que o turismo em Sintra apresenta disponibilizando produtos turísticos na época baixa: não só história e natureza, mas gastronomia e doçaria, arte e espetáculos, atividades desportivas e turismo religioso. Desde que se mantenha a identidade local intacta na procura pelo desenvolvimento turístico, esta é uma solução

que se apresenta quase inevitável, sob risco de Sintra passar a ser quase um parque temático, encarado como um local para ver palácios.

- Implementação das novas tecnologias de informação, desenvolvidas a pensar no utilizador, que se perspectivam como soluções indispensáveis à gestão dos centros urbanos históricos. Num futuro próximo permitirão: reservar quartos de hotel, chamar transporte ou comprar bilhetes para os monumentos. Tudo isto já pode ser feito via internet com um telemóvel, mas podemos ir mais longe. Miguel de Castro Neto, antigo Secretário de Estado do Ordenamento do Território, defende a necessidade de identificar oportunidades e desafios do turismo, cruzando-a com a noção de “inteligência urbana” ou cidades inteligentes, pois é aqui que as tecnologias de que já dispomos poderão assumir um papel fulcral (Neto, 2017).

Assim a criação de aplicações (Apps para Smartphone) poderá promover em simultâneo uma visita de qualidade e uma melhor monitorização e gestão dos espaços, beneficiando assim os três principais atores: turista, empresas e cidadão residente. Se pensarmos nas enchentes que se observam em Sintra na época alta, e o facto de a maioria das atrações serem geridas pela mesma empresa (PSML) que já disponibiliza a compra de bilhetes através da internet, percebemos a potencialidade desta aplicação para reduzir os tempos de espera, melhorando a experiência do visitante, e a proteção de sobrecarga do património. Admitamos, no entanto, que este é um cenário que só funciona em contexto urbano, e por isso difícil de aplicar à vertente do turismo de natureza que também se pratica em Sintra.

Aplicar este modelo poderia trazer grandes vantagens à vila de Sintra, mas também levantaria algumas questões difíceis de resolver. Como nos diz Neto (2017), “um dos principais pilares deste modelo é a existência de uma política transversal de dados abertos, envolvendo a administração pública e as empresas, que salvaguardando questões de segurança e privacidade, liberte os dados que tornam possível a construção desta nova realidade.”. Contudo se não haveria dúvidas da sinergia entre a CMS e a PSML, a introdução das pequenas empresas neste modelo já as levanta.

4. CONCLUSÕES

Há medida que o turismo cresce, numa tendência hoje incontornável, os seus efeitos vão aumentando, e, se é verdade que a complementaridade de produtos é indispensável para potenciar a oferta turística, também resulta numa maior complexidade do sistema e incremento da dificuldade em minorar os efeitos negativos.

O turismo em Sintra está hoje pouco regulado, ou pelo menos, com graves desregulações. Sistema de transporte pouco eficiente e sobrelotado, publicidade enganosa ou pouco rigorosa, atividades turísticas ilegais ou que não respeitam os regulamentos do PNSC, entre outros aspetos, resultam numa panóplia de consequências perniciosas, e isto perante uma massa humana com a expectativa de desfrutar de Sintra de uma forma pessoal e não “industrializada”.

As soluções para muitos destes problemas existem, mas a sua aplicação pode ser difícil, morosa e ir contra interesses instalados a vários níveis do sistema. Mas é algo que terá de acontecer para que Sintra, e tudo a que lhe está associado, sobreviva como tem sobrevivido nos últimos mil anos.

5. BIBLIOGRAFIA

Alcoforado, M. J. (1984). Representação Cartográfica das Árvores Deformadas: Ventos Dominantes em torno da Serra de Sintra. Finisterra, XIX, pp. 137-169.

Baltazar, L., & Martins, C. (2005). Atlas do Parque Natural de Sintra-Cascais. (M. Marcelino, Ed.) Estoril, Portugal: Junta de Turismo da Costa do Estoril; Parque Natural de Sintra-Cascais. Obtido de <http://www2.icnf.pt/portal/ap/resource/ap/pnsc/atlas-pnsc> Brilha, J. (2005).

Património Geológico e Geoconservação: A Conservação da Natureza na sua Vertente Geológica. Braga: Palimage Editores.

Brooks, G. (2001). Heritage at Risk from Tourism. Obtido em 30 de Janeiro de 2018, de ICOMOS.org: <https://www.icomos.org/risk/2001/tourism.htm>

Carvalho, A. C. (2010). Sintra-Cascais Natural Park. (M. Marcelino, Ed., & B. Williams, Trad.)

Costa, F. (Maio de 2012). Dinamismo do setor reforça importância da promoção internacional. (P. e. Lugares, Entrevistador) Pessoas e Lugares.

Goudie, A. (1981). The Human Impact on the Natural Environment: Past, Present and Future (6.º ed.). Malden, Massachusetts, USA: Blackwell Publishing. Kullberg,

C., & Kullberg, J. C. (2000). Tectónica da Região de Sintra (Vol. n. º2). Lisboa: Memórias de Geociências, Museu de História Natural, Universidade de Lisboa.

Mathieson, A., & Wall, G. (2006). Tourism: change, impacts and opportunities (1ª ed.). Harlow, England: Pearson. Neto, M. d. (26 de junho de 2017). "Smart Tourism" - turismo numa cidade inteligente. Obtido em 29 de junho de 2017, de Observador.pt: <http://observador.pt/opiniaio/smart-tourism-turismo-numacidade-inteligente/>



Newsome, D., & Dowling, R. (2006). The Scope and nature of geotourism. Em *Geotourism* (pp. 3-20). 8

Pena, A., Gomes, L., & Cabral, J. (2001). *Sintra: Um Concelho ao Natural* (2.^a ed.). Estoril, Portugal: Câmara Municipal de Sintra.

Sirovs, M. G. (2006). *The Cascais-Sintra Area: A Walker's Guide*. Estoril: Martin G. Sirovs.